

**a vida
não
é justa**

**a vida
não
é justa**

**andréa
pachá**



Copyright © 2012 by Andréa Maciel Pachá

REVISÃO

Elisa Menezes

Carolina Rodrigues

CAPA, PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Angelo Bottino

Fernanda Mello

FOTO DE CAPA

Lambert / Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P116v

Pachá, Andréa, 1964-
A vida não é justa / Andréa Pachá. - [1. ed.]. -
Rio de Janeiro : Intrínseca, 2019.
224 ; 23 cm.

ISBN 978-85-510-0477-7

1. Contos brasileiros. I. Título.

18-54349

CDD: 869.3
CDU: 82-34(81)

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para João e Kike,
minhas fontes de vida,
pela experiência
de um amor incondicional.*

sumário

APRESENTAÇÃO 9

É assim no final? 11

Fala quem pode 17

Tem coisa que não se pergunta 21

Molhadinha25 27

O que os olhos não veem 35

Quem cuida dele? 41

Era só o que faltava... 45

Sagrado é um samba de amor 51

Cale-se para sempre 59

Doença inventada não cura 65

Direito ao sonho 69

Nem tudo é verdade 75

Quando o amor acaba em silêncio 81

Mais valem dois pais na mão 85

Casamento não é emprego 91

Brincando de casinha 97

Em nome do pai	103
Poderoso é quem resolve	107
Toma que o filho é teu!	111
Sem padecer no paraíso	115
Liberdade ainda que tardia	123
Sem crime, sem castigo	129
Mas eu amo aquele homem...	133
Gabriel no Alemão	139
As melhores intenções	147
Ele amava Catarina	153
Fiel todos os dias da vida	157
Reconciliação	163
Um dia de cada vez	171
No meio do nada tinha uma história	177
O enterro do filho de Édipo	183
Mereça a moça que você tem	189
Um não ama por dois	195
Todo dia e nem sempre igual	201
Papai Noel não existe	205
Deixa o inverno passar	211
A VIDA É RUIM, MAS É BOA <i>Alcione Araújo</i>	217
AGRADECIMENTOS	221

apresentação

Quando, em 1994, comecei a trabalhar como juíza, a Constituição ainda não havia completado uma década. Vivíamos tempos de grandes transformações na sociedade, no Judiciário e, especialmente, no direito das famílias. Os ventos da democracia impactavam as relações pessoais, e a ampliação do acesso à Justiça trazia para os Tribunais conflitos que eram silenciados ou tratados apenas na intimidade dos lares.

Durante quase duas décadas, fui titular em uma Vara de Família. Realizava por dia aproximadamente doze audiências. Conflitos que chegavam com o fim do amor, casais desfeitos que esperavam que o Judiciário encontrasse soluções adequadas para o patrimônio, para a pensão alimentícia, para o convívio com os filhos, mas, sobretudo, para a angústia experimentada pela frustração de projetos acalentados e que não chegavam ao “até que a morte” prometido nos filmes, nos livros, nas idealizações do amor romântico.

Chamava minha atenção a repetição dos conflitos. As dores eram sentidas por milhares de homens, mulheres e crianças que exibiam as vísceras diante de mim. Embora todos os

processos fossem similares, os lutos e a intensidade das dores eram individuais, o que exigia um olhar subjetivo e único para cada casal. Para completar, a angústia dos casais era potencializada pela minha própria angústia ao me deparar com perguntas para as quais a Justiça não tinha resposta.

Grande parte dos processos terminava com um acordo. Nada, no entanto, que pudesse solucionar a expectativa de redenção ou minimizar a devastação provocada pela decisão unilateral, na maioria das vezes, de encerrar a viagem antes do fim.

A partir da observação desses conflitos e da necessidade de compreender o fenômeno que levava dois amantes apaixonados, muitas vezes, ao limite do ódio e da intolerância, resolvi contar algumas histórias que pudessem traduzir a precariedade da nossa condição humana para lidar com o desamparo e com as frustrações.

Escrito entre 1994 e 2012, A vida não é justa é o resultado dessa empreitada e acaba revelando, sem querer, as mudanças sociais que vivemos nesses quase vinte anos. Alguns conflitos foram superados por novas leis, outros continuam procurando alternativas e soluções. O Judiciário precisou se aparelhar adequadamente para enfrentar tantas transformações, com o uso de equipes multidisciplinares, com conciliação e mediação.

As famílias se reinventam com frequência, o afeto ganha status de direito nas relações familiares, o gênero e a identidade são acolhidos com mais respeito e compreensão pelo Estado. No entanto, quando se trata do fim do amor, a vida continua injusta e nós seguimos assombrados diante do mistério que segue nos levando à paixão, aos projetos e ao desejo de relacionamentos ideais.

É assim no final?

– É só isso?

– Só isso sim, Aline. Se vocês quiserem esperar um pouco, podem aguardar no corredor para levar o documento de averbação do divórcio.

Mas Aline não se levantava. André também parecia não ter pressa para deixar a sala.

– Surpresa com a rapidez? – perguntei, tentando esvaziar o espaço para a pauta que começara há pouco.

Ela não estava surpresa. Não conseguia encontrar a palavra que definisse o que sentia naquele instante. Na impossibilidade de sintetizar com um substantivo abstrato, precisava de longas orações coordenadas, subordinadas às lembranças que brotavam sem ordem cronológica compreensível.

– É isso, então, o que acontece no final? – ela repetia, olhando para André, como se ele tivesse a resposta.

Aline e André não tinham uma história dramática para contar. Nem sequer precisavam de um acerto de contas. Não se olhavam com ressentimento, tampouco deixavam transparecer que ainda nutriam alguma expectativa para retomar a vida a dois.

Viveram juntos 22 anos. Conheceram-se do outro lado do oceano. Ela, em um curso de especialização; ele, de mochila nas costas, em uma viagem ferroviária sem rota ou destino.

As coincidências e as afinidades eram a certeza de que um nasceu para viver ao lado do outro. Ele ancorou naquele porto seguro e decidiu esperar o fim do curso da moça. Não perderia o trem de volta ao seu lado.

Podia ser apenas mais um romance definitivo, daqueles que começam nas férias e terminam tão logo aterrissam na vida real. Mas não foi assim na história de Aline e André.

Agora, ali na sala de audiências, Aline estava visivelmente abalada. Eu não queria deixá-la se expor, sem necessidade, naquele ambiente. Interrompi:

– Aline, vocês já terminaram. Não preciso saber dos motivos da separação, nem acho legal você ficar revolvendo suas lembranças...

Antes que eu concluísse a frase, ouvi a voz de André:

– Lembra do sufoco, Aline, quando seu namorado apareceu lá, de surpresa?

Comovidos e emocionados, os dois não só queriam, como precisavam contar a profunda experiência de amor que viveram durante mais de duas décadas.

Os filhos, o trabalho, as divergências familiares, as muitas viagens, os livros, os filmes. Em pouco tempo, montaram a colcha de retalhos costurada pela estrada.

Choravam de mãos dadas. O casamento acabou. O amor, provavelmente, também. A tristeza com que experimentavam o luto se espalhava pela sala. Parecia desrespeitoso interrompê-los.

Se o ritual do nascimento do amor fazia todo o sentido, o mesmo não se podia dizer do seu fim.

Pode ser que os amores sejam todos iguais: começam com o coração aos pulos, migram para a banalidade do cotidiano, dispersam-se no tempo e, um dia, chegam ao fim. As exceções estão aí para confirmar a regra.

No entanto, Aline, André e tantos outros que passaram por aquela sala acreditavam que, com eles, a história seria outra.

O herói romântico tinha um destino trágico, como todos os heróis.

Nas tragédias, o fim estava traçado. Não tinha jeito de mudar rota ou rumo, embora os heróis dediquem a vida a lutar contra o destino inexorável.

No amor, contrariando todas as estatísticas, experiências, pesquisas científicas, cada casal tinha a pretensão de reverter o peso do cotidiano e aprisionar aquele estado inicial de encantamento e paixão na gaiola da eternidade.

Quando não conseguiam, como qualquer herói, enfrentavam a tragédia do fim.

Também no caso de Aline e André o distanciamento foi lento. O amor não acabou de uma hora para outra. Não houve um fato, um desencontro, uma falha de comunicação que pudessem ser apontados como a causa.

Aline e André não brigavam. O ninho vazio dos filhos que ficaram adultos e foram viver suas vidas era a explicação para o afastamento. Algumas vezes, percebiam o incômodo ou a insatisfação do outro, como naquela vez em que ele, chegando tarde de um jantar com os amigos, encontrou a mulher chorando na sala escura.

Abraçaram-se, carinhosamente, para aplacar a sensação de abandono que não era verbalizada, mas experimentada, em silêncio, pelos dois.

O amor nunca acaba de uma hora para outra. Vai gastando, lentamente, no tempo arbitrário da vida.

Se o começo de tudo tinha uma história, uma hora, um roteiro e um ritual, se eram garantidos aos amantes uma festa, promessas, flores, música e todo um cenário para sacramentar a sorte e a coincidência do encontro, nada mais justo que o fim do amor também pudesse ser vivido com a cerimônia necessária.

Não era o caso de uma celebração. Também não podia ser tão simples quanto duas assinaturas numa sala gelada de um tribunal e mais nada.

Aline tinha razão. Vinte e dois anos de vida não podiam terminar em cinco minutos.

Ouvi as histórias que quiseram contar. Não me preocupei com o atraso das demais audiências.

Aline e André precisavam combinar a melhor maneira de ele retirar as suas coisas da casa. Ainda precisavam acertar a divisão das pequenas lembranças e dos objetos grávidos de significado.

Nada disso era tratado no processo. Mas decidiram que a solução seria encontrada sob meu olhar.

Não era culpa de ninguém. A frustração era dos dois. A tristeza do luto era de todos nós que assistimos à expressão concreta do fim de um ciclo.

Não adiantava falar que eles tiveram uma vida linda. Não adiantava falar que era raro um relacionamento acabar de

mãos dadas. Não adiantava mostrar que o que plantaram no caminho era definitivo.

Mesmo acostumada a observar e decidir dezenas de separações diárias, com o distanciamento profissional possível, eu me vi, naquele momento, envolvida pela tristeza profunda experimentada pelo casal.

Não conseguia enxergar aquele destino como um fenômeno banal e cotidiano. A individualização da dor, estampada nas faces de Aline e André, fazia com que eu compreendesse cada processo como uma tragédia única.

Desejei boa sorte aos dois. Eles saíram de mãos dadas. Olhei para a cena como se estivesse observando um milagre da transformação do amor para outra de suas muitas formas.

Acostumada com os finais felizes das obras de ficção, anteví a possibilidade da retomada daquela relação.

Mas não era assim na vida real. Não era, também, o fim do mundo. A vida tem múltiplos caminhos e diversas possibilidades. O ritual do luto era necessário para seguir adiante.